

Dossiê: Políticas públicas para educação, formação docente e metodologia da pesquisa, 2025, pág. 1

MOVIMENTOS INSUBORDINADOS NO CONTEXTO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: TESTEMUNHOS DA PESQUISA-FORMAÇÃO

Jaqueleine Barbosa da Silva¹
Allene de Carvalho Lage²

Resumo

O presente texto tem como objeto de reflexão os testemunhos colaborativos de experiências no contexto dos movimentos sociais. O movimento recursivo subsidiou as reflexões advindas da contribuição do território investigativo da pesquisa Espelhos Epistemológicos das Práticas Pedagógicas de Ativistas e Militantes Educadores(as) dos Movimentos Sociais de Pernambuco, financiada pelo CNPq. O acesso ao legado disponibilizado pelos teóricos da epistemologia da pesquisa-formação, para a análise interpretativa das experiências dos movimentos sociais, do Coletivo LGBT do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e das mulheres do Movimento de Atingidos por Barragens (MAB), conta com o acervo investigativo do processo de construção do conhecimento em curso. Os resultados anunciam a contribuição advinda da pesquisa-formação, enquanto núcleo de compreensão e produção de conhecimento, com indícios de possíveis movimentos autoformativos e autorreferencial, ampliando o debate para a área de educação, com ênfase nos movimentos sociais e na descolonialidade.

Palavras-chave: movimentos sociais do campo; pesquisa-formação; descolonialidade.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professora na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), jaqueline.barbosa@ufpe.br

² Doutora em Sociologia pela Universidade de Coimbra/PT, professora na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), allene.lage@ufpe.br

Resumen

El presente texto tiene como objeto de reflexión los testimonios colaborativos de experiencias en el contexto de los movimientos sociales. El movimiento recursivo sustentó las reflexiones provenientes de la contribución del espacio de exploración de la investigación “Espejos Epistemológicos de las Prácticas Pedagógicas de Activistas y Militantes Educadores(as) de los Movimientos Sociales de Pernambuco”, financiada por el CNPq. El acceso al legado disponible por los teóricos de la epistemología de la investigación-formación (Dominicé, 1990; Joso, 2002), para el análisis interpretativo de las experiencias de los movimientos sociales —del Colectivo LGBT del Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra (MST) y de las mujeres del Movimiento de Afectados por Represas (MAB)—, cuenta con el acervo investigativo del proceso de construcción del conocimiento en curso. Los resultados anuncian la contribución proveniente de la investigación-formación como núcleo de comprensión y producción de conocimiento, con indicios de posibles movimientos autoformativos y autorreferenciales, ampliando el debate en el ámbito de la educación, con énfasis en los movimientos sociales y la descolonización.

Palabras clave: movimientos sociales rurales; investigación-formación; descolonización.

1 INTRODUÇÃO

Muito já foi dito sobre o conceito de movimentos sociais e o porquê de sua pertinência para a compreensão da realidade brasileira, porém o debate continua aceso, o que tem sido motivado por vários acontecimentos advindos de mudanças recentes no campo dos novos movimentos sociais, a exemplo da consciência internacional de justiça ambiental e a utilização das comunidades virtuais e, consequentemente, o agravamento da autonomia e o incremento da interação fincada na autorreflexão.

O presente artigo, com inspiração na pesquisa-formação, disponibiliza os testemunhos colaborativos de experiências no contexto dos movimentos sociais como mais uma forma de pensar o fazer pedagógico enquanto dispositivo de experiência coletiva na atualidade.

A pertinência da utilização do conceito de movimentos sociais para a compreensão do processo de formação e transformação social está baseada nos ideais de justiça e democracia. Conforme se pretende demonstrar a seguir, a compreensão epistemológica dos movimentos permite apreender a complexidade social, diferentemente do que ocorre com outros conceitos, como os de educação popular e do campo. Trata-se de um conceito que possui uma história significativa no interior das ciências humanas e sociais e que tem se relacionado com as disputas políticas e teóricas, travadas em torno da interpretação da violação de direitos e dos encaminhamentos tomados pelo desenvolvimento neoliberal conservador.

O artigo encontra-se dividido em quatro partes. Na primeira, apresentamos a compreensão de movimentos sociais e a pertinência da pesquisa-formação nas investigações advindas do projeto universal Espelhos Epistemológicos das Práticas Pedagógicas de Ativistas e Militantes Educadores(as) dos Movimentos Sociais de Pernambuco³. Em seguida, apresentamos os alcances do processo em curso para dar evidência à autoformação e ao movimento autorreferencial. Na terceira parte, socializamos as perspectivas do diálogo autorreferencial e o arsenal teórico que iluminou as reflexões advindas do processo formativo. E, finalmente, tecemos as breves considerações sobre os possíveis alcances advindos do processo investigativo.

³ Aprovado na chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023 – Universal sob a coordenação da Profa. Dra. Allene Lage – CAA – UFPE – PPGEduC.

2 PESQUISA-FORMAÇÃO EM DIÁLOGO COM OS SUJEITOS EPISTÊMICOS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

A luta política tem levado os movimentos sociais a se apropriarem do saber científico, que, aliado ao saber das suas experiências, os levam a se produzirem como sujeitos epistêmicos de seus processos de reflexão e produção de conhecimento, contribuindo para a formação política coletiva e também para a superação das violências e opressões a que sempre estiveram expostos. Nesta direção, os movimentos sociais têm priorizado, para além de suas estratégias de ação mais visíveis - ocupações, marchas, greves -, uma política de educação, na qual visa transformar e melhor qualificar suas organizações, considerando o fato de que, dentro de um movimento social, a educação tem efeito multiplicador.

Como refletido em Lage (2010), compreender a educação como um fenômeno humano produzido em situações sócio-históricas, num processo de conquistas e elaborações sociais de significados, nos permite olhar com muita atenção às experiências de educação que vêm sendo produzidas dentro dos movimentos sociais. Indo além do argumento de suprir a escolaridade não obtida ao longo da vida e até o momento de ingresso no movimento social, essas experiências se consolidam como um processo educativo que traz intrínseca a concepção do aprender político, o qual restitui a humanização perdida pela ausência de dignidade, de direitos e de cidadania.

A própria angústia existencial do ser inconformado, que busca sempre novas respostas para os seus problemas, na procura do reconhecimento das discriminações sociais, étnicas, de gênero e de tantas outras, impulsiona o desejo de mudar essas relações exclucentes e de superar a alienação em relação aos processos políticos e à participação social.

Nesta direção, pensar conteúdos numa perspectiva crítica, orientada para trabalhar a apropriação do conhecimento, no ato de ensinar-e-aprender, exige criatividade e reflexão permanente, de modo a produzir um conhecimento político emergente que auxilie os coletivos a compreenderem a realidade e os mecanismos da expulsão dos direitos de cidadania. Ou seja, como afirma Freire (1996, p. 51),

[...] é a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor.

De fato, o conhecimento se constrói a partir da relação com o Outro e com o objeto a ser conhecido, onde o sujeito se reconheça no Outro e o conhecimento das diferentes áreas

formem a totalidade articulada entre si, possibilitando a transformação do modo de pensar o mundo para nele agir.

Nessa direção, o projeto político que permeia todas as atividades dos movimentos sociais e tem trazido significativos avanços, a partir da formação de uma consciência política, adquirida tanto nas vivências coletivas como nos processos de formação política ou técnica, resulta na formação de uma identidade revolucionária, que forja um novo sujeito, capaz de confrontar a classe dominante sobre sua própria condição de opressor, por meio da luta, a qual capacita seus sujeitos a questionarem as condições estruturais dos fenômenos sociais que, violentamente, os colocam na condição de oprimidos.

Com inspiração francófona, a pesquisa-formação é datada por cinco momentos: (1) eclosão; (2) fundação; (3) disseminação diferenciada do seu desenvolvimento; (4) tempos incertos; e, (5) insubordinações. Nos anos 1980, período de eclosão, se desenvolve a articulação de investigações de vida e formação. Em 1990, se dá o momento de afirmação, denominado de corrente das histórias de vida em formação. No início da década de 2000, oportunamente, houve a troca de experiências entre diferentes pesquisadores que trabalhavam nessa linha, iniciando a difusão diferenciada da fundamentação teórica e metodológica dessa perspectiva no campo das Ciências da Educação. Entre os anos 2020 e 2022, testemunhamos nuances diferenciadas, dada a especificidade do momento histórico da pandemia da Covid-19⁴. Já na atualidade, destacamos a realidade instituinte e em institucionalização, através da relação dialógica e intrínseca que integra, ao longo do tempo, a efetiva participação de coletivos formativos, constituindo, como diz Abrahão (2024), um movimento aventuroso, desafiador e insubordinado.

Nesses 35 anos, desde a primeira teorização resultante desse tipo de investigação com legitimidade à utilização na formação de professores/as, o interesse científico por esta escrita reflexiva levou à criação de redes em constante institucionalização.

Aqui, fazemos referência à obra de Pierre Dominicé (1990) como passagem obrigatória no caminho da delimitação do território da formação ao longo da vida e de seus processos. E, igualmente, Marie-Christine Josso (2018), desde a publicação de sua tese intitulada *Cheminier vers Soi*, em 1990⁵, demarcando os momentos iniciais da pesquisa-formação.

⁴ Denominação dada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, cerca de três meses após a descoberta do primeiro caso de infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global, a qual nos obrigou a dar respostas imediatas, urgentes, sem a necessária preparação e reflexão.

⁵ No Brasil a tese foi publicada em livro pela Editora Universitária da PUCRS (EDIPUCRS), em 2010, sob o título *Caminhar para si*, com tradução de Albino Pozzer e revisão de Maria Helena Menna Barreto Abrahão.

A pesquisa-formação enriquece e amplia a consolidação do estatuto epistemológico e metodológico, valorizando o exame atento de saberes, práticas e significações múltiplas no diálogo entre diferentes campos e fontes de produção de conhecimentos nas mais diversas áreas, agregando novas análises e significações nas interlocuções e parcerias com pesquisadores em nível nacional e internacional.

Os países da América Latina e da Europa também têm expandido suas produções. No Brasil, o conjunto de associações científicas, a exemplo da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOGraph); Associação Norte e Nordeste de História de Vida em Formação (ANNHIVIF); Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd); e Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), bem como Universidades, em especial a Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), têm se destacado através dos grupos de estudos e pesquisas.

Em Souza (2007), o movimento biográfico tem sua vinculação com as pesquisas na área educacional, seja no âmbito da História da Educação, da Didática e Formação de Professores, seja em outras áreas que tomam as narrativas como perspectiva de pesquisa e de formação.

Os testemunhos articulados da pesquisa-formação se expressam quando os aspectos políticos, econômicos e sociais ocupam, na perspectiva de quem olha, o horizonte interpretativo e não utópico, iniciando-se um movimento racional de expansão infinita, com abertura para a autorreflexão. Ou seja, advém das vozes dos oprimidos, dos subalternos, dos excluídos, de uma geração que segue criticando as condições colonizadoras do mundo ocidental, bem como seus efeitos epistemológicos com consequências políticas de cisão intercambiáveis analiticamente, ao mesmo tempo que são existencialmente incomensuráveis.

O debate em pauta faz com que nos interroguemos: como sistematizar conhecimento sem dicotomizar o humano do mundo e dos meios em que vive? Para refletir o viés erguido no diálogo entre movimentos sociais e pesquisa-formação, elegemos o Coletivo LGBT do MST⁶ e as mulheres do Movimento de Atingidos por Barragens (MAB).

A aproximação entre esses dois coletivos emerge, em destaque, para os sujeitos epistêmicos outros, que constituem fonte de conhecimento da pesquisa-formação. O anúncio

⁶ Entre outros, para maiores informações sobre os movimentos sociais, acessar Allene Carvalho Lage, Elementos para a compreensão da educação nos movimentos sociais, **Temas em Educação: diálogos contemporâneos**, Recife: Editora Universitária UFPE, 2010; e, Roseli Salete Caldart, O MST e a formação dos sem-terra: o movimento social como princípio educativo, Dossiê Desenvolvimento Rural, **Estudos Avançados**, 15 (43), dez., p. 207-224, 2001.

do novo conhecimento, advindo desses territórios de saber - o Coletivo LGBT e as mulheres *Arpilleristas* do MAB - se propõe a alargar as lentes epistemológicas dos movimentos sociais.

O arsenal empírico, oriundo do processo educativo, lança teias de possíveis descobertas para pensar formas outras de conceber a produção do conhecimento em campos investigativos de vida e experiência.

No Brasil, na década de 1970, o MAB surge, de forma embrionária, na região Sul, sob forte influência da Comissão Pastoral da Terra (CPT), e se firma como movimento social na década de 1980, ao propor o enfrentamento aos interesses econômicos capitalistas.

Passados esses anos, atualmente, o MAB luta contra o modelo energético que explora os recursos naturais incontrolavelmente, além de se colocar contra o modelo de sociedade capitalista, construindo, de forma coletiva, processos educativos que primem por um projeto de sociedade alternativo, sustentável e popular.

Nessa esteira, de luta e garantia dos direitos, o MAB passa a se caracterizar como movimento popular de garantia dos direitos sociais, visando organizar e mobilizar a população atingida ou ameaçada por barragens em prol da construção de alternativas de enfrentamento às violações de direitos.

As mulheres, em movimento na militância, passaram a se auto-organizar, denunciando, de forma participativa e abrangente, as principais violações dos direitos das mulheres atingidas durante os processos de planejamento, construção e operação de barragens no Brasil. (MABNACIONAL, 2019).

Insubordinadamente, as mulheres do MAB, inspiradas pela técnica chilena *Arpilleras*, constroem o tecido pedagógico da resistência feminista de forma participativa e abrangente nos enfrentamentos das principais violações dos direitos humanos durante os processos de planejamento, construção e operação de barragens no Brasil.⁷

Quanto ao MST, a luta por terra e reforma agrária se soma à luta pela dignidade humana, pelos Direitos Humanos, pela agroecologia, ou seja, pela construção de uma nova sociedade, trazendo para o movimento e escancarando para a sociedade temas emergentes e pós-abissais necessários à desconstrução dos sujeitos, das instituições e das subjetivações que, historicamente, marcaram a construção de uma sociedade outra, não capitalista, não sexista, antiLGBTfóbica e antirracista.

⁷ Para compreender o uso da técnica chilena *Arpilleras* nos enfrentamentos das principais violações dos direitos humanos das mulheres atingidas por Barragens acessar a dissertação de Fábia Roseana Souza Oliveira da Silva, intitulada, **Arpilla, o tecido pedagógico da resistência feminista no Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB**: uma inspiração chilena para as mulheres rurais do Nordeste do Brasil (2002).

O giro epistemológico é dado com a inserção de pautas que consideram a diversidade sexual no âmbito do coletivo, passando a evidenciar a episteme dos/as militantes LGBT, de forma articulada às demais mobilizações assumidas pelo movimento.⁸

A experiência interseccional, ressignificada nos espaços, práticas, corpos e territórios que são humanizados na luta, acende a memória formativa, dinâmica e autorreferente, apesar das violências contra a população LGBT no Brasil que, além de negligenciadas historicamente pelo Estado, que foi quase sempre conservador, mantém enraizados o machismo e a LGBTfobia como alguns de seus dispositivos opressores, tendo, paulatinamente, enfrentado pautas por uma sociedade plural, mediada pela convivência com as diferenças.

A trama de sentidos que aborda a vida cotidiana das *Arpilleristas*, denunciando o conjunto de práticas abusivas e o contexto político de exploração da vida, se alia ao Coletivo LGBT na possibilidade de experimentação do potencial movimento de retomar e narrar a própria vida, não de forma aleatória, mas a propósito do lugar-território dessas vivências que integram, constroem e ressignificam a vida.

A reconfiguração do pensamento constitui a metodologia de investigação do sujeito em dois vieses: (1) metodologia autorreferente e (2) processo autorreflexivo.

Para Abrahão e Frison (2010), a abordagem da metodologia autorreferente coloca o sujeito no centro da construção da investigação, enquanto a narrativa biográfica atua de forma autorreflexiva, tornando o sujeito autor de sua própria biografia. Assim, ele aprende a partir da tomada de consciência gerada por sua própria reflexão.

Entretanto, consideramos que o uso deste enfoque, no âmbito acadêmico, constitui-se em um capítulo aberto, quanto à sistematização e divulgação, colocando-nos algumas interrogações quanto ao acesso às informações, como descreve Arfuch (1995, p. 143-144): “*puede confiarse en relatos apoyados en la fragilidad de la memoria?, es valido extraer de casos individuales conclusiones para el conjunto?*”.

As interrogações de Arfuch (1995) evidenciam a necessidade de reflexão no acesso aos relatos, exigindo algumas pausas nas interpretações e atribuições de sentido e experiências advindas da vida e da obra de uma pessoa ou grupo de pessoas, seja pela via de relatos ou de qualquer outro tipo de informações e/ou documentações.

A ênfase na dimensão autorreferente da pesquisa-formação anuncia novos sujeitos e suas relações com o mundo, vinculadas ao aporte da educação popular, fundamentada na

⁸ Rubem Viana de Carvalho, no estudo intitulado: **Um Arco-Íris na luta pela terra: O Construir Da Práxis Pedagógica do Coletivo LGBT do MST** (2023), toma como referência o Coletivo LGBT Sem Terra do MST para compreender como esses sujeitos organizam a luta pela terra em articulação com os sujeitos heterossexuais do MST e as pautas do movimento LGBT, Negro e Feminista.

pedagogia Freireana, convidando-nos a compreender a transcendência dos espaços outros de produção e acesso ao conhecimento.

3 TESTEMUNHOS ARTICULADOS DO PROCESSO INVESTIGATIVO: ALGUMAS NOTAS SOBRE AUTOFORMAÇÃO

Como contraponto à maneira positivista de se fazer pesquisa, Nunes (2001), ao colocar em xeque essa visão e ao discorrer sobre o(a) pesquisador(a) na sua relação com os sujeitos e as realidades em suas especificidades, define, assertivamente, o papel do(a) pesquisador(a) de testemunha articulada, buscando se posicionar entre os processos e acontecimentos para compreender a realidade, reafirmando que,

A testemunha articulada contudo, vai mais longe, realizando o duplo trabalho de enunciação e de ligação [...], o poder de problematizar e de “sugerir ao olhar” o que os discursos dominantes ocultam ou silenciam, abrindo assim novos espaços para imaginar outros possíveis. A condição do pesquisador como testemunha articulada torna possível a passagem de um realismo etnográfico que reproduz as hierarquias e desigualdades [...] por uma outra relação com o mundo (Nunes, 2001, p. 326).

Com esse posicionamento, propomos o diálogo com os dois campos de enunciação, selecionados entre o conjunto dos espaços formativos-pedagógicos atendidos pela pesquisa, e afirmamos que o movimento partilhado entre o Coletivo LGBT do MST e as Mulheres *Arpilleristas* do MAB evidenciam o cotidiano da luta como um processo em curso de autorreflexão, possibilitando um movimento autorreferencial.

Do ponto de vista da literatura, a pesquisa-formação (Dominicé, 1990; Josso, 2002) contribui para esclarecer as dinâmicas da constituição individual em todas as suas dimensões psíquica e social, psíquica e simbólica, política e educativa. Nesse horizonte de formação multirreferencial, a colaboração entre o mundo social e a prática formativo-educativa, e até mesmo transgressora, descortina o emergir de uma sociedade complexa em seu tempo e em qualquer lugar.

Assim, a atividade biográfica pode ser descrita como um conjunto de operações mentais, verbais, comportamentais, pelas quais os indivíduos se inscrevem subjetivamente nas temporalidades históricas e sociais que lhes antecedem e os ambientam.

Passeggi e Souza (2017) afirmam que,

As narrativas propõem uma nova episteme, um novo tipo de conhecimento, que emerge não na busca de uma verdade, mas de uma reflexão sobre a experiência narrada, assegurando um novo posicionamento político em ciência, que implicam princípios e métodos legitimadores da palavra do sujeito social, valorizadores de sua capacidade de reflexão, em todas as idades, independentemente do gênero, etnia, cor, profissão, posição social, entre outras opções (Passeggi e Souza, 2017, p. 11).

No âmbito das Ciências Sociais, a pesquisa-formação renova o modo de construir conhecimento científico, ao negar a lógica da hipótese-verificação do método positivista dos anos 1970. Passa, assim, a evidenciar o Coletivo LGBT e as mulheres *Arpilleristas*, rompendo com a racionalização e conferindo um novo viés às investigações científicas.

Os territórios epistêmicos da vida-formação vão além do espaço territorial, instituem um movimento que rompe as fronteiras de áreas, abrangendo, entre outras, uma educação que ganha força na escrita de um novo mundo.

Como afirma Macêdo e Silva (2024, p. 04-05),

[...] compreender a educação como um elemento indissociável da vida humana, indica que vivemos em um constante processo de ensino e aprendizagem, independentemente do ambiente que frequentamos. desse modo, reconhecer a educação para além do processo de escolarização, mas como um processo plural constituído por fatores sociais, emocionais, econômicos e ideológicos, traz à tona a complexidade sobre o que é ser professor, o qual terá que reconhecer essa pluralidade e mediar de forma harmônica todas essas formas de educação que lhe são apresentadas.

A autorreflexão, possibilitada aos sujeitos epistêmicos e aos atores instituídos no movimento, imbrica-se na inserção de novas temáticas que focalizem a história daqueles/as que se tornam autorreferentes na construção do conhecimento.

Suárez (2017) afirma, como característica das narrativas, a rejeição de métodos universais e excludentes nas produções de conhecimentos, métodos homogêneos que, ao mesmo tempo, unificam e excluem.

Para além da definição colonizada dos sujeitos, sexo masculino, branco, letrado, cristão, hétero, Souza (2008) destaca o sujeito empírico e suas experiências:

O pressuposto principal da racionalidade moderna é a separação sujeito/objeto e a crença de que é passível de conhecimento apenas o que for possível ser medido, ordenado, comparado, etc. Logo a subjetividade deveria ser exorcizada da ciência. Os cientistas deveriam escrever sobre o que eles pesquisam e não sobre o que eles são, deveriam escrever sobre suas descobertas e não sobre suas crenças e valores (Souza, 2008, p. 173).

Souza (2008) reafirma o silenciamento dos sujeitos desconsiderados socialmente frente à perspectiva hegemônica. Contra essa hegemonia, os estudos com histórias de vidas em formação e as narrativas (auto)biográficas priorizam aqueles/as negados/as enquanto produtores de conhecimento, aliando-se a produção de conhecimento que atua como campo de validação epistêmico e de poder, a exemplo da perspectiva (auto)biográfica que emerge em oposição à hegemônica.

No embalo do caráter epistemopolítico, consideramos que a presença do Coletivo LGBT e das mulheres *Arpilleristas* gera a reflexividade autobiográfica do processo dialógico estabelecido entre os movimentos, permitindo elaborar táticas de emancipação e empoderamento para superar interpretações culturais excludentes e opressoras.

Assim, a apostila pós-colonial “se opõe a uma visada elitista do conhecimento que desconhece essa capacidade de reflexividade humana e de interpretação do cidadão “comum” que sofre as pressões cotidianas que o destituem dos seus direitos e embotam sua consciência crítica” (Passeggi e Souza, 2017, p. 10).

Ou seja, trata-se de uma apostila pós-disciplinar que alia a liberdade de instrumentos e linguagens, permitindo o descobrimento de si e do outro no processo. Esse território é marcado por um pluralismo criativo que aponta o sujeito como núcleo da vida e da experiência.

4 BREVES CONSIDERAÇÕES

Parafraseando Delory-Momberger (2024), “tornar-se sujeito com o mundo é também sentir com, agir com, pensar com, sonhar com e criar com” (p. 05). Esse tornar-se sujeito é um horizonte que se abre em movimento com a vida e a formação.

O debate aberto nas fronteiras do processo em curso, entre o coletivo LGBT do MST e a as mulheres *Arpilleristas* do MAB, pode ser um indício de possíveis movimentos autoformativos e autorreferencial, apontando para diálogos insubmissos nos respectivos territórios em que se movimentam ativistas e mulheres militantes dos movimentos sociais.

A trama encenada entre os campos epistêmicos aponta que, apesar da diferença territorial contemplada, a pujança do conhecimento consolidado por ambos movimentos leva a testemunhos colaborativos, como experiências formativas no contexto dos movimentos sociais.

Podemos afirmar, portanto, que a compreensão do ser como inacabado favorece as múltiplas manifestações da vida, do ser humano inconcluso e polissêmico, introduzindo uma ponte entre sujeito e território epistêmico, oportunizando o reconhecimento das diferenças e

dando vez e voz aos subalternizados. Ou ainda, voltando-se para o vivido, a memória e o narrado, desvelando o rompimento do silêncio instalado pela colonialidade.

De maneira geral, os territórios-vida em que se movem os sujeitos epistêmicos dos movimentos sociais convergem para a rejeição da herança cristã rumo à pluralidade de sentido da vida, confrontando e aderindo a uma aposta infinitamente mais global.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. **La entrevista, una invención dialógica**. Barcelona (Espanha): Paidós, 1995.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes Limitada, 2012.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto e FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Narrativas (auto)biográficas de formação e o entrelaçamento com a autorregulação da aprendizagem. **(Auto)biografia e formação humana**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica no brasil: da aventura à insubordinação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 09, n. 24, p. 01-12, 2024. DOI: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2024.v9.n24.e1153>

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, jan./abr., p. 133-147, 2016.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Como fazer ciência de forma diferente na era do antropoceno? de um gesto ético e político para uma epistemologia da relação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 09, n. 24, 2024. p. 01-10. DOI: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2024.v9.n24.e1151>.

DOMINICÉ, Pierre. **L'histoire de vie comme processus de formation**. Paris: L'Harmattan, 1990.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**, Lisboa: EDUCA, 2002.

LAGE. Allene Carvalho. Elementos para a compreensão da educação nos movimentos sociais. **Temas em Educação**: diálogos contemporâneos. Recife: Editora Universitária UFPE, 2010.

NUNES, João Arriscado. Teoria crítica, cultura e ciência: o(s) espaço(s) e o(s) conhecimento(s) da globalização. **Globalização**: factualidade ou utopia. Colecção: A sociedade portuguesa perante os desafios da globalização. Porto: Edições Afrontamento, 2001. p. 297-338.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Revista Investigación Cualitativa**, p. 06-26, 2017.

PINEAU, Gaston. Ancoragem de uma política de pesquisa em ciências humanas: histórias das novas profissões socioeducativas em formação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 13, jan./abr., p. 55-70, 2020.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 59-74.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, identidades e alteridade: Modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. **Revista Fórum Identidades**, Ano 2, Volume 4, jul-dez, p. 37-50, 2008.

MACÊDO, Amanda Anália Nayara de; SILVA, Jaqueline Barbosa da Silva. Narrativas docentes em rede: uma década da constituição da identidade formativa. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, Petrolina-Pernambuco -Brasil, vol. 14, n.35, Dezembro, p. 01-23, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14653429>.